

Vida por um triz.

Guto Maia

Eu tinha raquitismo quando era pequeno. Fui abandonado ao nascer e não tinha grandes chances de sobreviver. Perambulava pelas ruas. As pessoas pareciam monstros enormes que passavam como se não me vissem, mas tinham o cuidado de não pisar em mim. Às vezes, alguém mais condoído, deixava um prato de comida, bolachas, até leite, pra que quando eu acordasse, pudesse encontrar. Quando fazia frio, alguém parava para deixar uma coberta. Mas a maioria nem notava, seguiam seu caminho. Esse pedaço da cidade de São Paulo, onde cresci, chamam de “crackolância”. Um dia, consegui andar até o Bom Retiro. Atravessei, não sei como, várias ruas e não fui atropelado. Adormeci na calçada de um prédio em frente ao parque da Luz. De repente, senti uma mão me segurando. Tentei me soltar, gritei. Mas a mão forte me carregou. Tremia de medo. A mulher que me agarrou, segurava-me firme, e fui perdendo as forças, e parei de reagir. Pensei que ia morrer. A mulher entrou no prédio. Deu-me de comer e beber, e agasalhou-me. Quando estava aquecido, adormeci. Sonhei que era feliz, pela primeira vez na vida. Quando acordei, a primeira reação foi fugir, mas percebi que estava num lugar confortável e aconchegante. Uma cachorra me olhava curiosa. Achei que ia ser devorado. A mulher apareceu e era carinhosa comigo. Desde esse dia, nunca mais voltei para as ruas. Ela cuidou de mim, fiquei forte, cresci muito e me tornei o belo gato que sou hoje. Devo minha vida a ela.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/vida-por-um-triz>